

Redução de estômago pode trazer problemas renais

21/07/2009
Jornal de Uberaba

A obesidade está cada vez mais presente em nosso meio e a busca por tratamentos para combatê-la também. A cirurgia bariátrica, mais conhecida como cirurgia para redução do estômago, é uma opção de tratamento para a obesidade mórbida, mas, apesar dos benefícios, apresenta indicações específicas e alguns riscos.

Os procedimentos restritivos da redução de estômago promovem a perda de peso pelo fechamento de partes do órgão para torná-lo menor, restringindo, assim, a quantidade de alimento que ele comporta. Para ser realizada, é levado em consideração o grau de obesidade do paciente. A classificação se baseia no índice de massa corporal (IMC - calculado dividindo-se o peso pela altura ao quadrado - Kg/m²) e no risco de mortalidade associada.

Assim, considera-se obesidade quando o IMC encontra-se acima de 30 Kg/m² e obesidade mórbida quando o IMC está acima de 40 Kg/m². As pessoas com IMC entre 35 e 40 que sofrem de diabetes tipo 2 ou problemas cardiopulmonares que levam a risco de vida ou doença cardíaca relacionada com a obesidade são candidatas para a cirurgia.

Como toda cirurgia, esta também tem suas possíveis complicações. Os riscos mais acentuados para a cirurgia bariátrica estão após a operação. Pessoas que fazem tal cirurgia possuem quase duas vezes mais risco de ter pedra nos rins e de sofrer fraturas relacionadas à deficiência de cálcio e de vitamina D no organismo. Para evitar complicações, após a cirurgia o paciente deve ser acompanhado por uma equipe médica, pois, com a redução do estômago, a alimentação é modificada.

"Se não for realizado este acompanhamento de forma correta, a pessoa não se alimenta conforme o indicado e ingere menos líquido. O paciente que teve o estômago reduzido deve estar sempre hidratado. Durante a perda intensa de peso, o metabolismo se altera, podendo acarretar no surgimento de pedras nos rins", esclarece o gastroenterologista Luís Flávio Mesquita.

Segundo Luís Flávio, as pessoas que possuem distúrbios psiquiátricos de grande gravidade devem evitar este tipo de cirurgia, pois pode trazer sérios problemas. "A procura hoje por este método de emagrecimento é grande, desde quando comecei a realizar, no ano 2000, já operei cerca de mil pacientes. Alguns procuram devido a problemas de saúde e outros, pela estética. Riscos existem, pois lidamos em grande maioria com pessoas com graves doenças. Porém, com um acompanhamento adequado, não há nenhuma complicação", comenta o gastroenterologista.

Fraturas - De acordo com um estudo apresentado no Congresso da Sociedade Americana de Endocrinologia, pacientes que realizam a cirurgia bariátrica também têm quase duas vezes mais risco de sofrer fraturas, especialmente de pés e de mãos. Os pesquisadores selecionaram 142 pessoas que fizeram cirurgia bariátrica de 1985 a 2004 nos EUA. As pessoas foram acompanhadas durante seis anos. Nesse período, 36 sofreram 53 fraturas, a maioria delas nos braços e nos pés. O estudo não aponta, porém, quais os mecanismos envolvidos na maior incidência de fraturas.

O aparecimento de tais fraturas pode ser explicado, conforme médicos endocrinologistas, pelo fato de haver, após a cirurgia bariátrica, deficiências graves de vitamina D e cálcio.

Perder peso afasta a depressão, a insônia...

Se a lista de prejuízos dos quilos a mais ainda não fez você enxugar as medidas, vamos acrescentar mais alguns a ela. Coloque-os na balança e se esforce para melhorar sua silhueta em prol da saúde.

1. Ai, minha cabeça!

A prevalência de enxaqueca tem relação direta com o índice de massa corpórea, o IMC. É o que demonstra um estudo assinado pelo neurocientista brasileiro Marcelo E. Bigal, que trabalha no Albert Einstein College of Medicine, nos Estados Unidos. O pesquisador avaliou 30.215 adultos, gente com medidas de cintura diversas. "Notamos que as crises de enxaqueca foram mais frequentes e cresceram em intensidade à medida que o peso aumentava", afirma Bigal. Outro trabalho, esse com a chancela do Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Albert Einstein e do Hospital Beneficência Portuguesa, ambos em

São Paulo, comparou obesos com indivíduos magros. Os resultados não deixaram dúvidas: as dores de cabeça são mesmo mais comuns e severas entre quem luta contra o peso acumulado. Os especialistas ainda investigam o papel dos pneuzinhos no tormento, mas já existe uma hipótese. "As células de gordura produzem substâncias inflamatórias", explica o neurocientista. "Tudo leva a crer que elas agravam o quadro de dor em indivíduos com predisposição ao problema." 2. Noites em claro

O descanso noturno também é prejudicado pela barriga avantajada. Uma equipe da Universidade Penn State, também nos Estados Unidos, analisou 1.300 voluntários de ambos os sexos e concluiu que os obesos tiveram mais insônia e dificuldade para chegar aos estágios mais profundos do sono. "Em muitos casos, parte do excesso de gordura se acumula no pescoço", explica o endocrinologista Márcio Mancini, presidente da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica, a Abeso. Por causa dela, quando o indivíduo se encontra adormecido na posição horizontal, sua faringe fica mais estreita, o que favorece episódios de apneia, a suspensão momentânea da respiração. "Cada vez que isso acontece, há a liberação de hormônios que elevam a pressão arterial e os batimentos cardíacos", conta Mancini. E o pior é que esse fenômeno pode ocorrer centenas de vezes em uma mesma noite. Resumo da ópera: esse pessoal não repousa adequadamente e acaba passando o dia com sonolência. "Essa é a razão pela qual, estatisticamente, os obesos têm sete vezes mais risco de bater o carro", afirma o endocrinologista.

3. A tristeza da gordura

Até mesmo o humor pode ser afetado pelos quilos extras. Um estudo publicado na revista científica *International Journal of Obesity* avaliou mais de 17 mil adultos e descobriu que as mulheres com sobrepeso ou obesas correm 31% mais risco de sofrer de depressão - esse índice foi bem menor entre os homens e nas moças em paz com a fita métrica. "Quando a pessoa engorda muito, ela se isola e deixa de viver muitas coisas importantes por não querer se expor", analisa a psicóloga especializada em obesidade Ruth Fabbri Ramos Ascencio, de São Paulo. "Isso sem falar na zombaria que muitos gordinhos têm que suportar." Cria-se, assim, um círculo vicioso: o indivíduo se torna cada vez mais recluso e, por isso, não vê razão para se cuidar. Daí, para a depressão se instalar, é um passo. E, como as mulheres são mais pressionadas a ficar com o corpo em dia, acabam se tornando alvo fácil para a tristeza sem fim.

4. Dentes também sofrem Nem a boca escapa da ação devastadora dos pneus em demasia. Essa é a conclusão de especialistas da Escola de Saúde Pública da Universidade Harvard, nos Estados Unidos, que acompanharam 37 mil homens por 16 anos. De acordo com os cientistas, a obesidade está associada a um aumento de 29% na ocorrência de problemas na gengiva, no osso e nos ligamentos que dão suporte aos dentes. Além disso, eles notaram que, nos casos em que a circunferência da cintura estava com 101 centímetros, houve um salto de 19% na incidência dos distúrbios bucais. Mais uma vez as substâncias inflamatórias produzidas pelas células de gordura parecem ser as culpadas. "Na verdade, a unidade do obeso é comprometida por inteiro", diz o endocrinologista Daniel Lerário, do Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo. "Por isso, além de doenças periodontais, esse indivíduo pode desenvolver outros males, como o câncer."

Estresse aumenta pressão arterial

A hipertensão arterial afeta cerca de 30% dos adultos, sendo considerada atualmente a principal causa tratável das doenças cardiovasculares. Estudos sugerem que a exposição crônica ao estresse tenha influência no aumento dos níveis da pressão arterial. Os autores desta revisão avaliaram dados na literatura médica mundial sobre a associação entre o estresse psicológico e o aumento da pressão arterial. A busca resultou em 2.043 artigos médicos. Indivíduos com maior reação a tarefas estressoras possuíam 21% mais chances de apresentar aumento na pressão arterial quando comparados com aqueles com menor reação.